

# ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL  
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves  
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida  
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

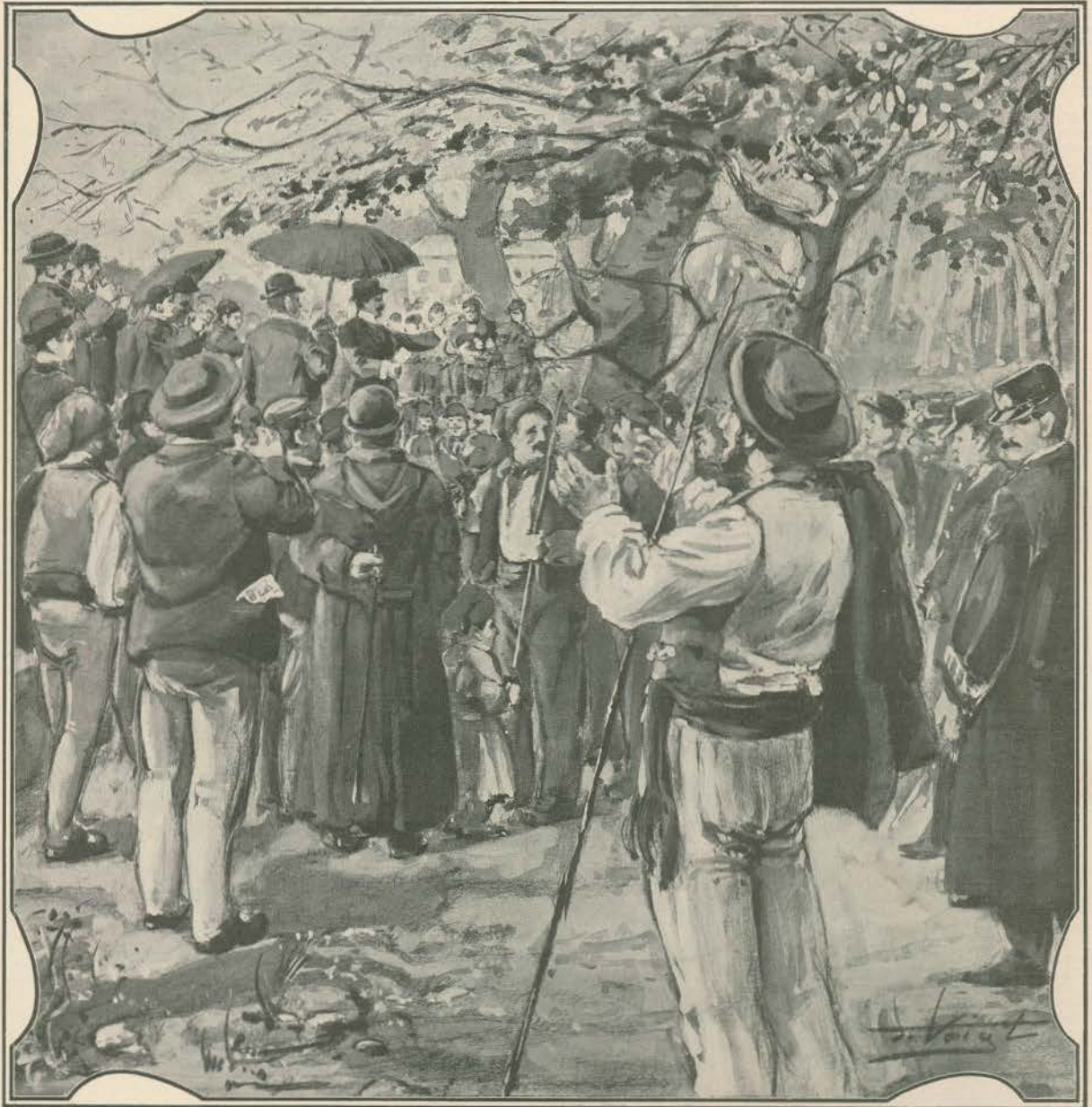
# PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43 — LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 25 DE JANEIRO DE 1904

NUMERO 12



O COMICIO DE PROTESTO CONTRA A NOVA CIRCUMVALLAÇÃO DA CIDADDE, REALISADO EM 17 DE JANEIRO NA CHARNECA, NA QUINTA DO ALTO, PERTENCENTE AO SR. D. ALEXANDRE DE SOUZA

Tendo sido augmentada consideravelmente a area de Lisboa, os povos das localidades que pela nova lei ficaram pertencendo á cidade, realisaram diversos comicios, dos quaes o mais importante foi o da Charneca. Usaram da palavra n'esta reunião, os ares. Padre José Gençalves Sanchez, José

Domingos Ribeiro, José Ignacio Dias da Silva, Mariano Antonio, Alexandre José dos Santos e Vasco Galvão, sendo resolvido que se entregasse a S. M. El-Rei uma representação na qual se mostram aos inconvenientes da nova circumvallação.

# CHRONICA

## Carta aberta: Janeiro

Meu velho: A tua visita não é agradável a ninguém e muito principalmente a este anno. És o mex conselheiro que veste do gado, que traes nos olhos um cie felino e nas gnelhas a participatice parlamentar: és o mex dos defuxos e das decimas relaxadas. És um Calixto, oh! janeiro!

Tu não tens cêns polychromos como maio, nem poentes estirados de purpura e d'ouro como junho, não tens searas maduras nem rosas a crescer, nem abelhas a zumbir, nem moçilas a cantar no meio dos trignes, côrdas e felizes; tu escondes a terra a uma mortalha de novadas e acedias os contornos gracis dos corpos femininos em pelleirina guedolludas. Não deixas que se vistam as blusas claras e leves, nem deixas voar os passaros pelas madrugadas: não tens piedade dos pobres nem tens para os olheiros auroras de jan!

És um culm mex, janeiro, com o teu céu de chumbo, pardo, cên londrino, no qual, se o sol se preta, é um sol doente, desfallecido, um sol anemico, indigno de Portugal.

Não contente com isto, meu velho, ainda trouxeste este anno as propostas de fazenda, essa manta teida pelo Estado para cobrir a cidade enorme nos aros da nova circumvallação.

Meu pobre janeiro: eu conheci-te pelo teu aspecto avelhado, ancestral e rubujento; sabia que eras o mex em que as croneças não dessem a brincar nos jardins e em que as horbolotas não se atrevessem a voar; mas não sabia d'essa tua qualidade de *jettatore*, feito para trazer ao mundo o mal e só o mal com a sua presença.

Tinha a teu respeito a ideia de que eras como um gnomo lendario, d'esses que povoam as florestas da Silesia e andam nas balladas germanicas com os seus capuzes forrados de martha sibelina, com os narizes vermelhos, corcovados, anões; imaginava-te assim trunesco e frio com um riso d'aco e com um olhar de gelo, mas suppunha-te tambem levemente bom, pois que trazes o Anno Novo e os Santos Reis!

Não me lembrava, janeiro, que a 22 de teu decorrer é dia de S. Vicente, o protegido dos corvos de negras azas e bicos agudos, avô de chuchina e de agouro; talvez por isso não te podeses endireitar jámais, oh! janeiro, que annunciaste as propostas de fazenda, a epidemia poor de todos os tempos, poor que o vomito negro e poor que o cholera!

Sabes acaso o que ellas são? Não sabes! Tu não ouves coisa alguma, embebido como andas no milar amoroso dos gatos pelas tuas frias noites, tão frias que parecem crystallizar os astros.

Não ouves mais nada, não sentes como se clama nos limites da velha Lisboa que viste estreita, virginal e ringida a'um cinto alvo de muros, quando meina e moça, n'hi pelos tempos do rei Fernando, não sentes como se brada, como se armam tribunas, se imprecoisam oradores e se realisam comicios no cabo de longos trabalhos!

São contra ti, só contra ti oh! mex, que trouxeste o alargamento da cidade, que viste não só com a neve e com as festas, que custam caro, e com o parlamento, que mais caro custa ainda, mas que trouxestetambem nas tuas saralvadas milhares de addiccionistas, de impostos novos, de miserias novas, de tremendas encargos.

São contra ti, mex perfido, que inhibes os pescadores de lancarem as suas redes e os pastores de irem ao monte levar as gndas, que corôns de neve as riuas e nem messos poupas as cathedras altas, rendilhadas, onde Deus tem o seu lar e onde se guardam as hostias santas, diaphanas e mais puras que esse gelo cubido das alturas nos seus dias.

Como primeiro mex envenenas a obra dos outros todos, fazes com que não nos pareçam lindas as manhas de junho e as rosas de maio e as tardes ontommas e as searas e os fructos, porque viste logo de entrada com a peçonha das propostas que te fazem importuno e mau, oh! janeiro, cujo olhar é de aço e cujo riso é de gelo!

Nós já aguardamos o teu successor, fevereiro, com a bocca amargurada no fel d'esses impostos novos que tu annunciaste e que nos fazem saber mal o pão.

Vae-te, pois, janeiro, com os teus gatos e com todos os diabos, eis o que do coração te desejo, por aquelles que te queriam ver riscado do calendario!

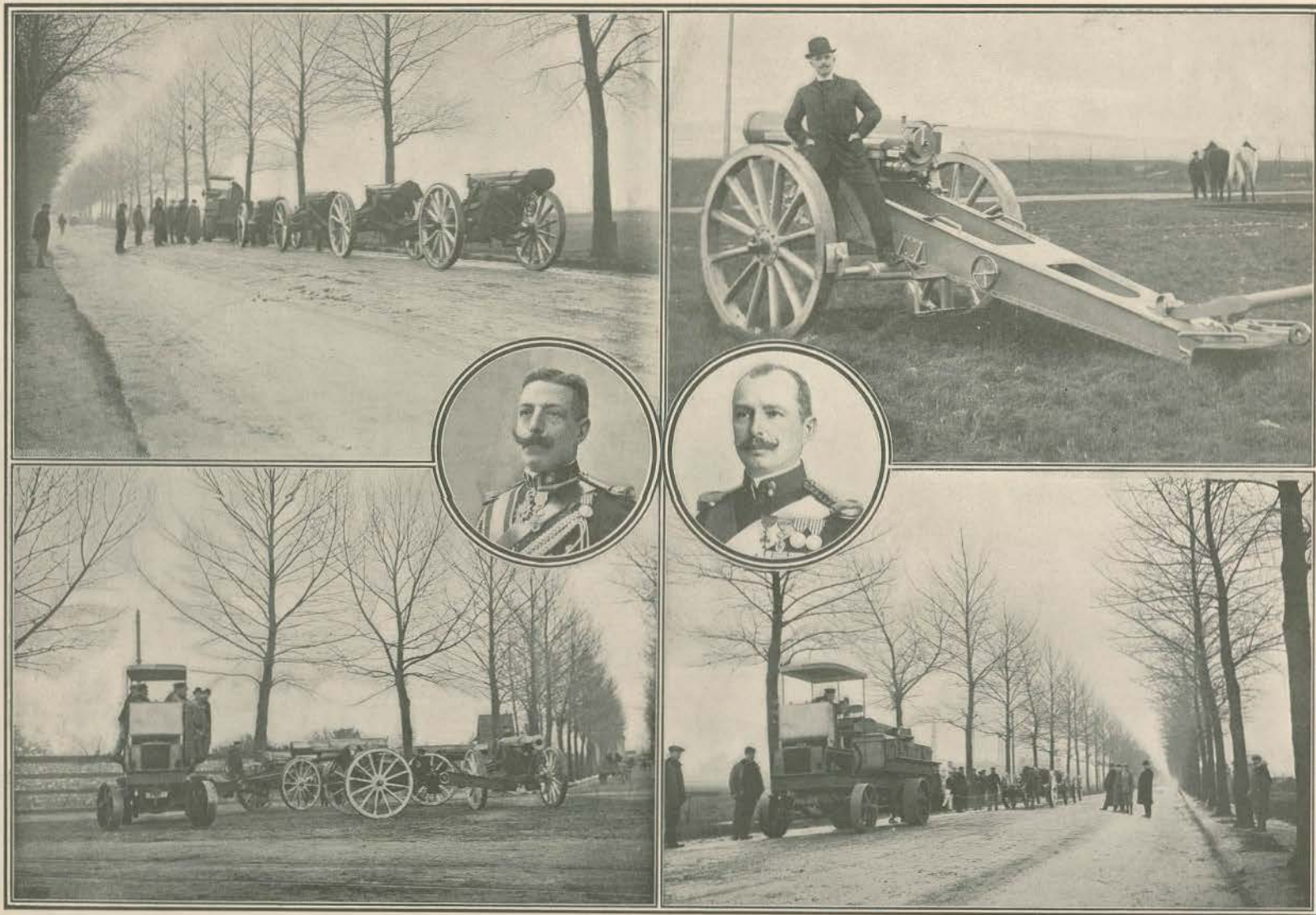
ROCHA MARTINS.



A GREVE DOS OPERÁRIOS METALLURGICOS DA EMPRESA INDUSTRIAL PORTUGUEZA  
— PORTUGAL FABRICA — A PUNTA DE LANCAR O TRABALHO EM FAVOR DA CIA DA BARRAGEM — EM OUTRO DE 1903/1904

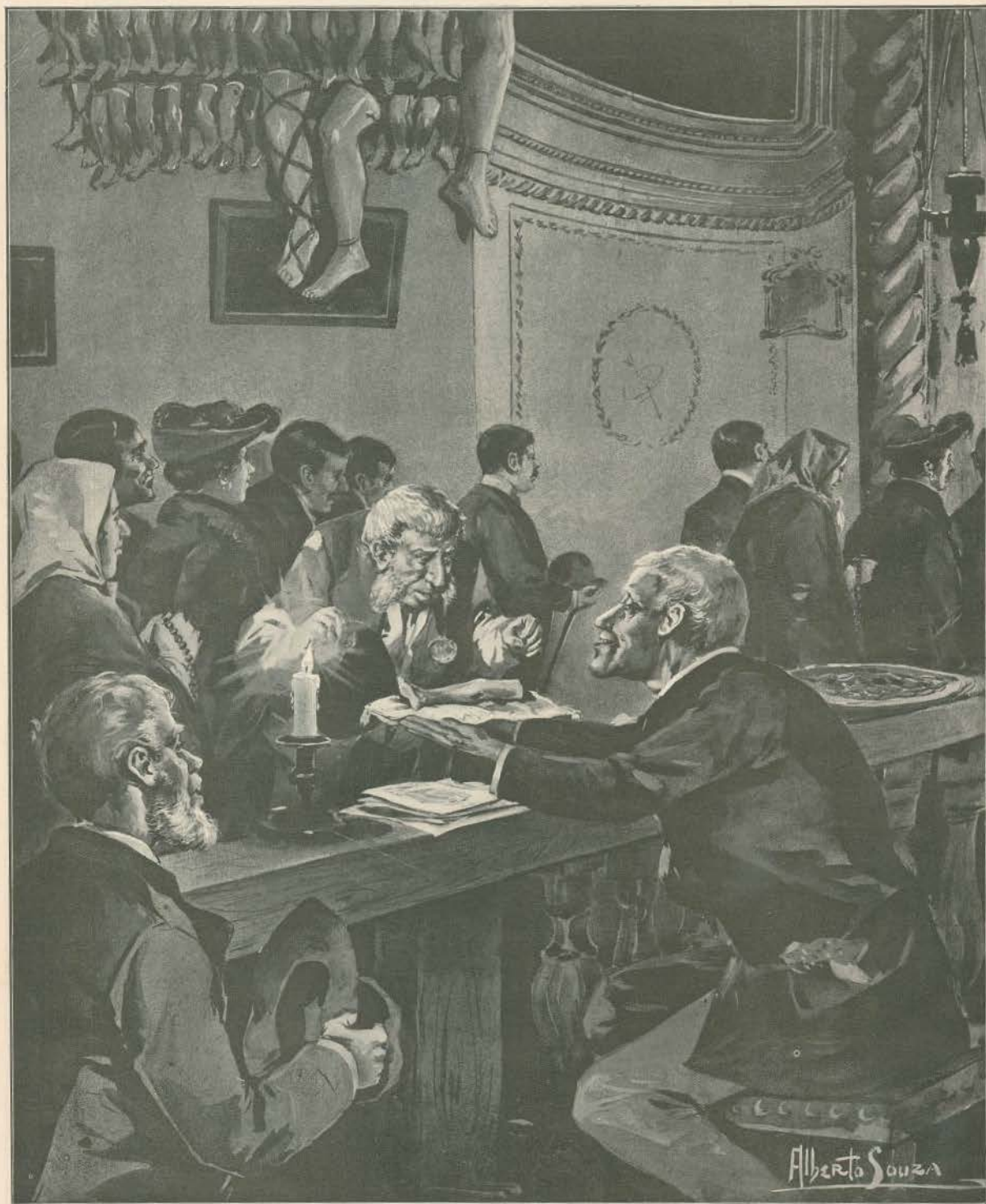


A INAUGURAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DE SANT'ANNA A VINDAS NOVAS  
— EM FAVOR DO ESTÁGIO DE SEUS AVES DA CRIANÇA DO COMUM



**A BATERIA-AUTOMOVEL D'OBUZES SCHNEIDER-CANET-BOCAGE — CHEGADA DO HAVRE EM 17 DE JANEIRO PARA O CAMPO ENTRINCHEIRADO DE LISBOA**

A bateria automovel a comitido d'Harcourt—O capitão d'artilharia Eduardo Pellen no polygono d'Hoc, assistindo ás experiencias das baterias d'obuzes — O sr. coronel Roma de Bocage, inventor do tractor das baterias — O sr. capitão d'artilharia Eduardo Pellen, que vigia a construcção do tractor. — A bateria automovel dando a volta no *Point de la Breche*, proximo d'Harcourt. — No *bonnet* Sadi-Carnot, proximo de Havre, o tractor fazendo trabalhar o guincho. A bateria construida no Havre na casa Schneider, á constituida por quatro obuzes que são deslocados por meio de um tractor automovel, cuja invenção pertence ao sr. coronel Carlos Roma de Bocage.



A ROMARIA DE SANTO AMARO: O BELJA-PÉ.

Esta romaria do santo advogado das fracturas das pernas e dos braços, que se realisa em 15, 16 e 17 de Janeiro, é muito concorrida pelos membros da colonia gallega. Ha balladas e desvantes no

terreno junto á capella do logar que tem o nome do santo parte da Junqueira: faz-se all grande venda de pinhões, e armam-se barracas em volta do largo, fazendo-se uma pequena feira.



A ROMARIA DE SANTO AMARO — OS VENDEDORES DE COMIDAS AO AR LIVRE



A ROMARIA DE SANTO AMARO — UM VENDEDOR DE PINHÕES

# HABITAÇÕES ARTÍSTICAS

## Digressões e visitas

Casa do sr. Conde de Sabrosa.

Por vezes saio d'estas minhas visitas com um profundo desgosto por não poder reviver n'estos artigos aridos tudo o que os meus olhos viram, tudo com que o meu espirito calmo se extasia, porque impossível me é referir com uma exactidão absoluta, como esta secção o exige, certas habitações que me não caço de admirar. Mais que de nenhuma outra, sahi ha dias de casa do Conde de Sabrosa com essa especie de tedio que expli-

se nos tornariam certos pormenores do reportagem se não contássemos com o auxilio das annotações surprehendidas no momento das visitas.



ENTRADA PRINCIPAL



UM AVIARIO

Dia tristissimo d'inverno aquello em que fomos visitar o palacete Sabrosa; com cóp de chumbo, proso-a, amassador, e durante o trajecto a mortada silvando impedimento por entre troncos n's d'arvores decrúptas. E' o inverno que as despe, que as balança como travess de força; esguelhas estas, sinistras e fantasmaticas aquellas; quando, como n'este dia, o ar, o ven, a cór da atmosphera, tudo se allia para entenebrecer o nosso espirito,

a sua juvenildade ponderada, passa como uma senhora, grave e austera, reprimindo os impetos, em contraste com seu irmão, irreflectido e louro, que anda em correrias pelos salões, rindo, saltando, indo e vindo, alegre, vivo, cheio d'essa indocildade das creanças saudaveis, d'essa indocildade que constitue todo o seu encanto. Aquí começa a collecção dos quadros, alguns obti-



SALA DE FUMO

dos no leilão d'essa maravilha d'arte que era o Palacete Fóz; uma scena de Minho, deliciosa de cór, do miniaturista Leonel, que outras obras assigna; dois quadros de Anunciação, um de Christo, de Pietro, e sobre um delicioso contador de charão, jarras e castiças. Um armario de talha antigo põe uma mancha escura n'um dos recantos: trabalho curioso este, lembrando esses velhos armarios outr'ora perdidos por egrejas, e que hoje constituem tambem perdidos espolios. Este escriptorio tem ainda espelhos D. João V, talha o boifes da China, e em torno á ampla mesa do trabalho cadeiras Luiz XIV.

cava o azedume por não poder transplantar para aqui a impressão íntegra, que eu senti durante o meu passeio pelos salões d'aquelle palacete, cujo interior está rico e artisticamente decorado.

O Conde de Sabrosa é um fervente colleccionador que se compraz em percorrer os nossos melhores leilões, augmentando assim a valiosa serie de quadros, a que nos referimos especialmente, por serem os quadros, entre tanta preciosidade de mobiliario de epochas extintus, se não a mais bella pelo menos a mais numerosa *zuite*.

Não cabe, positivamente não cabe, para aqui derivar tudo o que vimos; por isso, fazemos o relato do que a nossa memoria, por vezes traçoira, não conseguiu apagar. Longas são tambem certas notas que tomámos no imprescindivel *carnei de chronistas à la minute*, porque impossivel

dando-nos perturbacoes e intranquillidades



SALETA LUIZ XVI



OUTRO AVIARIO NO JARDIM

Estamos no escriptorio do rez-de-chão. O Conde de Sabrosa vem ao nosso encontro:

— Julgava que não viria—ironisa.

Desculpas, ainda a recorreremos ao dia tempestuoso como salvaguarda d'um flasco, e logo a conversa se inicia, referindo nos impressões collidas em ultimas visitas, e o nosso amavel interlocutor a dizer-nos as tendencias do seu espirito, a historia das suas collecções, o fervor impaciente com que as vai augmentando, a resignação com que por vezes as sente improgressivas e paradas, outras vezes o seu progredir lento, como se fosse apenas um amador banal de cousas d'arte.

Pelas janellas d'aquelle amplo salão confortavel entra uma luz transida de melancolia, mas os perfis louros, d'um louro flavo de duns creanças enchem esta nossa funda amargura atavica, que a invernia despertara, do clarões de graça, d'esperança e de innocencia. A *bambina*, 12 annos talvez, traz

e producto da nossa industria nacional. Sobre os armarios hollandezes estão fantasias da China e louças de Flight e Berr.

A sala contigua, de conversação, tem na lindo fogão

Estamos agora na vasta casa de jantar, cujas portas abrem sobre o jardim, onde as creanças brincam despreocupadas e felizes.

Ao fundo dois grandes armarios hollandezes, um de 1646, estão harmonicos com toda a sala forrada a carvalho do norte. Ainda vimos tres buffetes de torvido sobre os quaes ha pratos antigos, louças de Saxe, Sevres, India, China, castiças Luiz XV, um gonil e bacia Luiz XVI, e motivos ornamentaes sobre os altos silhares. Na parede: um delicioso quadro de Jimenez, n.º 20 da collecção Dauplas, e um outro, de natureza morta, da collecção Fóz, e que dizem attribuido a Sneyders.

A sala é illuminada por um precioso candieiro de ferro forjado, muito artistico nas linhas,



ESCRITORIO DO SR. CONDE



SALA DE JANTAR



SALA LUIZ XV

n'um fundo de veludo carmezim. Ha ainda um relógio antigo de charão, cadeiras da China, arcaes de charão, e uma estatueta em bronze, com a data de 1757.

N'um dos desvãos, ha um outro contador hispano-arabe.

Agora, proseguindo na visita, n'este andar nobre do palacete ha uma serie de salões, de que apenas faremos um relato breve, pois que a enumeração completa de tudo tiraria a estas chronicas o caracter de impressões pa-



SALA DE VISITAS

de talha, columnas igualmente de talha, um armario hollandez, uma preciosa terrina da China (do leilão Foz). O sr. Conde elucida-nos:

— E' um dos exemplares bonitos que cá tenho.

E' d'um colorido raro, um verde e vermelho cõr de sangue coahado. Os quadros: 2 de Panini—cndo vemos ruínas da velha Roma, quadros do genero; Panini é o grande pintor das architecturas extinctas e demolidas.

Aqui, como na sala de jantar, ha dois quadros de Tivoli, em que se exhibem paisagens accidentadas, ravinhas e barrancos, floreseiencias adustas, sob uma luz propria e exacta.

N'um dos cantos, Diaqué assigna um quadro, explorando um effeito de luz, pela tarde invernosa, n'um dos *boulevards* parisienses: figurinhas de sedução e vicio palmilhando a lama, sob insistentes cordas d'agua. O nosso interlocutor diz-nos:

— Comprei-o no leilão do Daupias. Pareceu-me curioso!

Por toda esta saleta: cadeiras de espaldar alto forradas a seda vermelha.

Para um corredor de passagem, contiguo á sala d'on-de sahimos abre-se uma escadaria que conduz á galeria do primeiro andar. Ao alto, a luz entra atravez um vial de Dolon, rico de colorido, o que faz com que a claridade do dia invernico seja menos aggressiva. N'este vestibulo, entre plantas, vimos um armario hollandez, defrontando com um contador portuguez de pau santo, e uma mesa Luiz XIV, muito semelhante, na ornamentação, aos frisos decorativos dos espelhos D. João V. Galga-se a escadaria, e logo surprehendemos um contador hispano-arabe, em teca, de ferragens sobrepostas



ESCADARIA PRINCIPAL

ra ficarem apenas sendo um catalogo.

N'uma das salas ha duas magnificas commodas, Luiz XIV e Luiz XV, com ricas ferragens cinzeladas, uma secretaria franceza, elegante, em *marqueterie*, espelhos D. João IV, cadeiras Luiz XVI, Luiz XV. Depois, é uma sala (Luiz XVI, quasi toda obtida no leilão Foz. Na parede uma gravura celebre de Morghean.

A sala de visitas, ampla, é rica de documentos artisticos. Ao ffindo, um biombo alto, chinês, mas com pinturas portuguezas. Ha um lindo tremó (com alçado, duas commodas) de *marqueterie*, jarras da India, bronzes de Meza, Luong-pied, o mobiliario Luiz XV. E' enorme a galeria de quadros: um da escola hollandea, nu attribuido a Tenier, 1 de Rosa Tivoli, dois attribuidos a Van Ostade, 1 da escola flamenga, outro de Siqueira, principaes entre uma colleção das valia.

Sobre o tremó vêem-se figurinhas de *biscuit* e Saxe (que pertenceram a Fernando Pálhaz) e algumas de Sevres.

Rapidamente, estamos n'outra sala; aqui, dois qua-

dras de Anunciação, uma marinha de Keil, uma de Bourguignon, de Anunciação ainda um outro, de Meirass, de Manuel da Rocha, e essa miniatura celebre de Bordallo Pinheiro, pae d'essa actual familia de artistas: o *Bibliothecario*.

Este quadro em tudo semelhante, pelo seu colorido, a um quadro da escola hollandea, é uma obra deliciosa.

Columbano Bordallo Pinheiro—outro grande pintor—queria possuir no *atelier* um quadro de seu pae, e propoz trocas com o Conde de Sabrosa. O incidente foi-nos contado, e o nosso interlocutor que, como dissemos, dia a dia augmenta a sua já vasta galeria, reconta, porque d'esse artista morto é a unica prova que possui.

N'uma saleta de passagem ha tambem algumas gravuras de Goya, e sobre as mezas bronzes, estatuetas, novos *bibels*, pequeninas obras primas d'essa arte decorativa a que apenas os requintados ligam affecto, dando o fundo mercantil da epoch, ingrata a concepções artisticas.

Nota-se n'esta galeria a grande noção da arte levada ao estado d'uma verdadeira paixão, o que mostra bem as brillantes facultades d'artista do sr. Conde de Sabrosa.

Despedimo-nos, ao cair triste da tarde, e do jardim vinhinos o alvoroço infantil da creança loura, d'um loiro flavo, que proseguia brincando e rindo, indo e vindo, innocente como convem á sua idade. E sahimos, pensando na paz d'aquelle lar, n'aquelle *interior* artistico, a que não falta nem a felicidade, nem os sorrisos garrulos das creanças...

SANTOS TAVARES.



GABINETE DA SR.ª CONDESSA



UMA GALERIA



A INAUGURAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DE SANT'ANNA A VENDAS NOVAS EM 17 DE JANEIRO COM A ASSISTENCIA DE S. M. EL-REI  
UMA CAVALGADA COMPOSTA PELOS CAMPESINHOS DOS LAVRADORES DE CORUCHE SRS. LUIZ E ALBERTO PATRICIO, JOAQUIM REBELLO D'ANDRADE, MANUEL DOS SANTOS, J. E ANTONIO RIBEIRO, MANUEL DUARTE LARANJO, RIBEIRO TELLES, DR. JOSÉ GUIZADO E VISCONDE DE CORUCHE, ACOMPANHANDO O COMBOIO ATÉ À PONTE DE SORRAIA





A DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS AOS ALUNOS PROTEGIDOS PELA ASSOCIAÇÃO JOSÉ VICTORINO DAMASIO, N'UMA SALA DO INSTITUTO INDUSTRIAL EM 14 DE JANEIRO

Esta associação foi instituída para fornecer livros aos estudantes pobres e premiar todos os anos os seus subsidiados que mais se distinguem nas aulas do Instituto Industrial e nas das Escolas Industriais.

Os prêmios pecuniários denominam-se Julio Cesar Machado, em memoria do fallecido escriptor, e foram ganhos este anno pelos estudantes José Manuel Machado, Victor Fernandes Voiga e Antonio Maria Pires.



UMA NEVADA NA COVILHA

A VISTA GERAL DA SERRA: VERTEZTE DA COVILHA—A PRAÇA DO MUNICÍPIO—A PRAÇA DA BORTALÇA—A PRAÇA DO MUNICÍPIO: ORIENTE E NORTE—CAPELLA DE SANTA CRUZ, A MAJE ANTONIA E BUA DO GENERO—VISTA GERAL DA CIDADE  
(Photographias cedidas pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Antonio Franco)



NO ATELIER DO ESCULTOR COSTA MOTTA — OS ÚLTIMOS RETOQUES NA ESTATUA DA ACADEMIA



O INTERIOR DO ATELIER DO ESCULTOR COSTA MOTTA, NA ANTIGA CERCA DO CONVENTO DE JESUS ONDE FOI TRABALHADA A ESTATUA DA ACADEMIA QUE DEVE FAZER PARTE DO MONUMENTO AO FALLECIDO MEDICO SOUZA MARTINS



UM GRUPO DE GRÉVISTAS NAS TERRAS DO ROLÃO EM SANTO AMARO—A COMISSÃO DE VIGILÂNCIA COMPONTE PELOS SRS.: 1 EDUARDO PINTO DE SOUZA, 2 JOÃO PEREIRA, 3 ANTONIO CAÇADOR, 4 JORGE DE CARVALHO, 5 JOSÉ VICTORINO, 6 ANTONIO ALFARO, 7 FRANCISCO CORREIA, 8 EDUARDO DA SILVA LISBOA E 9 JOSÉ ANTONIO



ASPECTOS DA GREVE DOS OPERÁRIOS DAS OFFICINAS DA EMPRESA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

Constante aos operários que alguns dos seus se iam apresentar ao trabalho, os grévistas em número de 400 reuniram-se nas terras do Rolão, em frente da fábrica, no dia 19 de janeiro, a fim de

assistirem à saída dos transigentes. Estes operários reclamam a demissão dos mestres estrangeiros, por irregularidades cometidas, e mantêm-se em greve há perto de dois meses.



## OS NOVOS PEREGRINOS

POB MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Agora me lembro da

### LENDA DOS SETE DORMENTES

No monte do Pion, além, está a caverna dos sete dormentes. Haverá talvez mil e quinhentos annos, que viviam perto uns dos outros em Epheso sete rapazes, os quaes pertenciam á despezada seita dos christãos.

Ora, succedeu que o bom rei Maximiliano (testecaso é parva monhas o meninos pequenos) succedeu, digo, que o bom rei Maximiliano deu em perseguir os christãos, e, andando o tempo, semelhante situação tornou-se muito difficil para elles. Foi por isso que os sete rapazes disseram uns para os outros: — Vamos viajar. — Não tardaram em se despedir de seus paes e mães e das posses da sua amizade. Levaram apenas consigo algumas moedas que seus paes possuíam, e roupas, que eram dos seus amigos, pelas quaes se pudessem lembrar de elles, quando estivessem muito longe; e tambem levaram consigo o cão Ketmehr, que era do seu vizinho Malco, porque o animal tinha mettido a cabeça n'um no corredio, que um dos rapazes levava descendidamente, e a elles falava-lhes o tempo para o soltar; e levaram tambem uns pintos que pareciam estar solitarios nas capoeiras proximas, igualmente algumas garrafas de apreciaveis licores, que estavam ao pé da janella do morceiro; e sahiram enfim, da cidade. Pouco depois chegaram a uma admiravel caverna no monte do Pion, entraram n'ella e banquetaram-se, e sem demora partiram novamente. Mas esqueceram-se das taes garrafas de licores, que já ficaram. Correram muitas terras, e tiveram muitas

aventuras extraordinarias. Eram rapazes virtuosos, e não perdiam nenhuma occasião de tratar da sua vida. O seu lemma encerrava-se n'estas palavras, a saber: «A dilacão rouba o tempo.» De maneira que, quando davam com um homem que estava só, diziam: Olhao, esta pessoa tem com que — vamos ter com ella. E iam ter com ella. Ao cabo de cinco annos sentiram-se fatigados de viagens e de aventuras, e suspiravam para tornar a ver a sua antiga casa e ouvir as vozes e ver os rostos d'aquelles que lhes eram caros á sua mocidade. Por consequencia, juntaram-se aos ranchos que encontraram no seu caminho por esse tempo, e regressaram a Epheso. Porque o bom rei Maximiliano se tinha convertido á nova fé, e os christãos jubilavam por não serem já perseguidos. Um dia, ao cair da tarde, entraram na caverna no monte do Pion, e disseram uns para os outros: Vamos dormir aqui, e, quando romper a manhã, haja festa e alegria com os nossos amigos. Entraram e, cousa notavel, as garrafas dos extranhos licores lá estavam onde elles as tinham deixado, e julgaram que o tempo não lhes tinha prejudicado a excellencia. No que todos tinham razão, e cada qual bebeu seis garrafas; e, como se sentissem muito cansados, deitaram-se e dormiram profundamente.

Quando acordaram, um d'elles, João — denominado Smithiano — disse: Estamos uns. Do seu vestuario não ficava vestigio nenhum, e o dinheiro que elles tinham obtido de um extranho com quem haviam tratado, quando já estavam proximo da cidade, jazia no chão, varrido, enferrujado, e nem parecia o mesmo. Igualmente se tinha sumido o cão Ketmehr, e apenas existia o me-

tal que tinha a sua colleira. Ficaram muito pasmados d'essas cousas. Mas arreedaram o dinheiro, cobriram-se de folhas, e subiram ao alto do monte. Ficaram então perplexos. Havia desaparecido o maravilhoso templo de Diana; ergulham-se na cidade muitos edificios grandes, que elles nunca tinham visto; pelas ruas andavam homens com trajes extravagantes, e tudo estava mudado.

João disse: Quem dirá que isto é Epheso? Contudo, aqui está o grande gymnasio, o amplissimo theatro em que en vi secenta mil pessoas reunidas; aqui está o A'gara; lá está a fonte, em que o santificado João Baptista mergulhou os convertidos; além, o carcere do bom S. Paulo, onde nós todos costumavamos tocar as antigas cadeias, que o prenderam, e curamos as nossas doencas; vejo o tumulo do discipulo Lucas, e lá muito longe está a egreja, em que descansam os restos mortaes do santo João, onde os christãos de Epheso vão duas vezes cada anno colher o pó do tumulo, que sara os doentes e purifica a alma do peccado; mas vêde como os coes avançam pelo mar dentro, e que grande quantidade de navios estão ancorados na bahia; vêde tambem como a cidade se tem estendido, por aquelle valle que se alonga para além do Pion, e até na direcção dos muros de Ayaasalook; e, ainda mais! todos os montes estão brancos de palacios, e ornados de columnatas de marmore. Quão grande se tornou Epheso!

E, cheios de assombro do que os seus olhos tinham visto, desceram para a cidade, compraram fave, e vestiram-se. E, quando elles se retiraram, o mercador morreu com os dentes as moedas que elles lhe tinham dado,

voltou-as a examinou-as com todo o cuidado, e atirou-as para o contador, esbaltando se ellas tinham; e então disse: Isto é falso, e elles disseram: Anda lá para Hades, e seguiram o seu caminho. Quando chegaram as suas casas, reconheceram-nas, posto que lhes parecessem velhas e baixas, e ficaram muito contentes e satisfeitos. Correram da portas, bateram, pessoas estranhas vieram abrir, reparando n'elles com muita curiosidade. E, no meio de grande excitação, com o coração a bater com força, e a córa a assombrar ao rosto e a fugir-lhe, elles diziam: Onde está meu pai? Onde está minha mãe? Onde está Dionysio e Scorpilio, e Pericles e Decio? E as pessoas, que tinham vindo á porta, respondiam: Não sabentes quem sejam. E os sete diziam: Ora essa! Vós não os conheceis? Ha quanto tempo aqui moraes, e para onde foram aquelles que habitaram aqui antes de vós? E os outros replicavam: Estão brincando comoseo, mancoes; nós e nossos paes temos vivido debaixo d'estes tectos. Ha seis gerações; os appellidos que pronunciamos apudceem nos tumulos, o os que usaram d'elles passaram a sua curta existência, riram e cantaram, padeceram as tristezas e os tedios, que lhes conberam em sorte, e estão em repouso: durante cento e oitenta annos os estios tem vindo e tem-se ido, e as folhas do outono caíram desde que as rosas murcharam nas suas faces, e elles se puzeram a dormir com os mortos.

Então os sete rapazes foram-se das suas casas, e os inquietos fecharam as portas apoz elles, que cá fora se admiravam muito, e olhavam para os rostos de todos que encontravam, na esperança de topar algum que conhecessem; mas todos lhes eram estranhos, e passavam junto d'elles sem proferir uma palavra amigavel. Estavam cheios de profunda mágoa e tristeza. A um cidadão perguntaram: Quem é rei em Epheso? E elle respondeu-lhos: D'onde vindes vós que ignoraes que o grande Laertius reina em Epheso? Olharam uns para os outros grandemente perplexos, e logo perguntaram outra voz: — Pois então onde é que está o bom rei Maximiliano? O cidadão desviou-se, como quem tem medo, e disse: — Na verdade, estes homens estão doidos e andam a sonhar, senão haveriam de saber que o rei de quem falam já morreu ha mais de duzentos annos.

Então caíram as escumas dos olhos dos sete, e um disse: — Ah! que bebemos dos taes bons licores, e n'um sonho sem sonhos decorreram estes dois longos seculos. As nossas casas estão na desolação, os nossos amigos extinctos. Acabou-se a festa — só nos resta morrer. E n'esse mesmo dia foram para fóra da cidade, extenderam-se no chão e morreram. E os nomes que estão nas suas sepulturas, até o dia de hoje, são João Smithiano, Trombetas, Prenda, Alto, Baixo, João e o Jogo. (1) E com os dormentes jazem tambem as garrafas, em que se continham os licores, e n'ellas estão escriptas em caracteres antigos palavras como estas — nomes de divindades pagãs da cidade de ouro, talvez: Rumpunch, Jinsling, Egnog.

Tal é a historia dos sete dormentes (com ligeiras variantes), e sei que ella é verdadeira, porque em proprio vi a caverna.

Na realidade, os antigos tiveram tão viva fé n'esta lenda que, ainda ha oitocentos ou novecentos annos, viajantes instruidos consideravam a caverna com um temor supersticioso. Dois d'elles deixaram memoria de que se arriscaram a entrar n'ella, mas logo sahiram de pressa, não osando demorar-se com receio de adormecerem e sobreviverem nos seus bisnetos um seculo ou coisa assim. Ainda agora os ignorantes moradores da região proxima preferem não dormir lá.

X

Vandalismo prohibido — Os peregrinos zangados — Na proximidade da Terra Santa — A volta aguda da preparação — Desobediencia por causa dos dogmas (2) e transportes — A longa volta — Na Syria — Algumas palavras a respeito de Beroth — Um apocripho escripto da um Paganismo grego — Provisões

Quando pela ultima vez fiz um memorandum, estavamos em Epheso. Agora estamos na Syria, acampados nas montanhas do Libano. Foi longo o interregno, assim quanto ao tempo como quanto á distancia. Não trouxemos uma reliquia de Epheso! Depois de termos colhido fragmentos de marmore lavrado, e partido ornamentos do interior das mesquitas; e depois de os termos trazido á custa de infinito incommodo e fadiga, cinco milhas em mulas, até aos armazens do caminho de ferro, um empregado do governo obrigou a todos, que possuíssem taes cousas a entregal-as. Receberam ordem de Constantinopla para *gigiar o nosso grupo*, e verificar que não levássemos nada de lá. Era uma sabia, justa e bom merecida advertencia, mas causou alalo. Nunca resisti á tentação de saquear os haveres de um estrangeiro sem me sentir insupportavelmente vaidoso por esse motivo. D'esta vez não ha expressão que signifique o orgulho de que me senti possuido. Estava sereno no meio dos gritos e invectivas contra o governo ottomano pela affronta feita a um grupo de cavalheiros e damas absolutamente respeitáveis, que viajavam para recreio. Eu disse: «As nossas almas são livres, isso não é com-

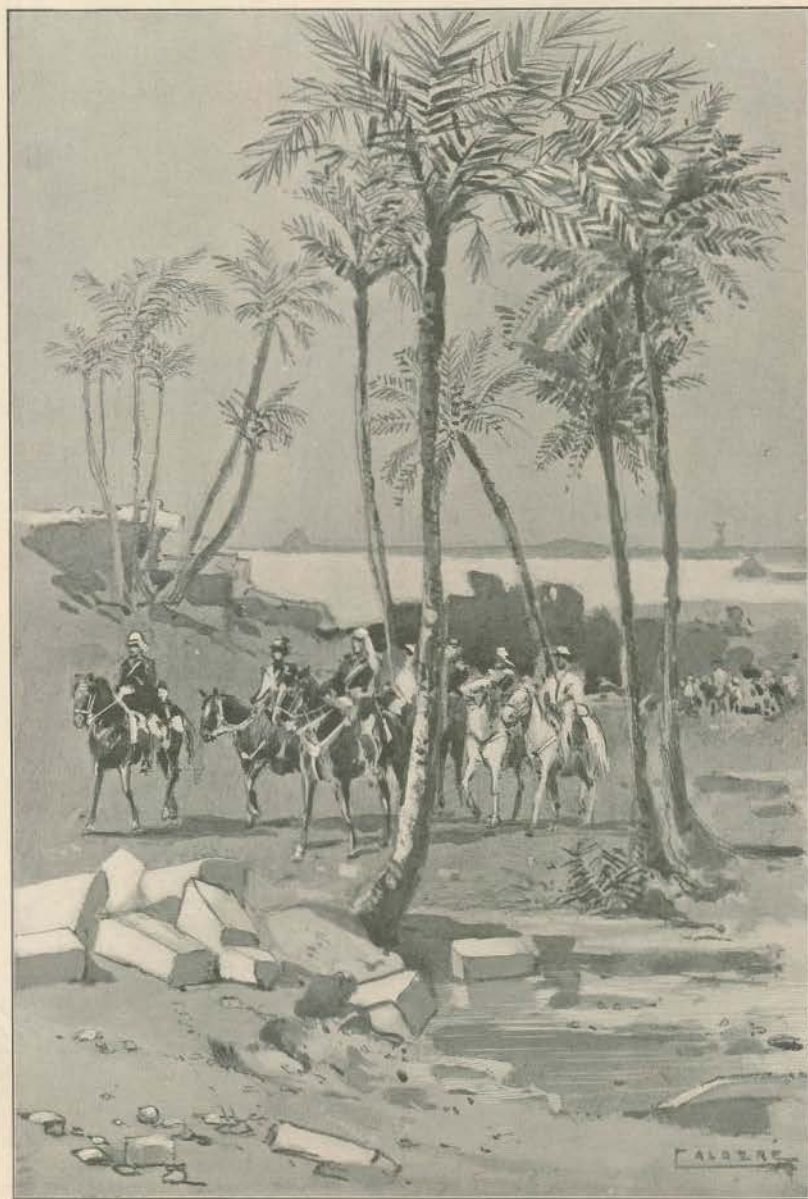
nosco! O deosto não só vexou o nosso grupo, mas vexou-o muito; um dos maiores padecentes descobriu que a ordem imperial vinha incluída n'um sobrescripto que tinha o sello da embaixada britannica, e portanto deve ter sido inspirado pelo representante da rainha. Ora isto era mau — muito mau. Partindo só dos turcos, podia ter significado apenas o odio musulmano aos christãos, e uma ignorancia vulgar dos methodos delicados de o exprimir; mas parindo da christã, educada e politica legação britannica indicava simplesmente que oramos uma especie de cavalheiros e damas, que tinham de ser vigiados! Foi assim que o grupo tomou o caso, e por esse motivo se exasperaram. A verdade, sem duvida, era que as mesmas precauções se deveriam adoptar contra *quaequer* viajantes, porque a companhia inglesa, que tinha o direito de fazer excavações em Epheso, e havia pago uma grossa quantia para o adquirir, precisava de ser protegida e merecia serlo. Não estão para correr o risco dos viajantes abusarem da sua hospitalidade, especialmente desde que os viajantes são tão notaveis despezadores do procedimento digno.

Largamos de Smyrna, com o animo abraçado em expectativa, porque a feição principal, o grande objectivo da expedição, estava muito perto — approximavamos-nos da Terra Santa! Tanto barafusta no porto em busca dos bahas, que ali tinham estado sepultados durante

semanas e até mezes; tantas idas e voltas á pressa no convex e na cobereta; tamanha balburdia de enfardelar; tal revolução nos beliches com causas e saias, e objectos indescritiveis e inclassificaveis; tanto fazer e desfazer pacotes, e pôr de parte guardaloes, oculos verdes, e véos espessos; tal mudo exame de sellos e redeas que nunca haviam servido; tal limpar e carregar revolvers, e examinar facas de matto; tal deitar fundilhos nas calças com pelle de gamo ainda aproveitavel; depois a consulta de mapas antigos; a leitura da Biblia e de viagens na Palestina; o marcar as estradas; tantos esforços desesperados para separar o nosso agrupamento em pequenos bandos de espiritos congenereos, que pudessem fazer sem discordia a longa e ardua jornada; e de manhã, de tarde e á noite, tantas reuniões nos camarotes, tamanho discursar, tantos conselhos avisados, tanta apouquentação, tanta questão, e um tão geral e incommodo levantamento, nunca se tinham visto a bordo!

FOLHETIM N.º 11

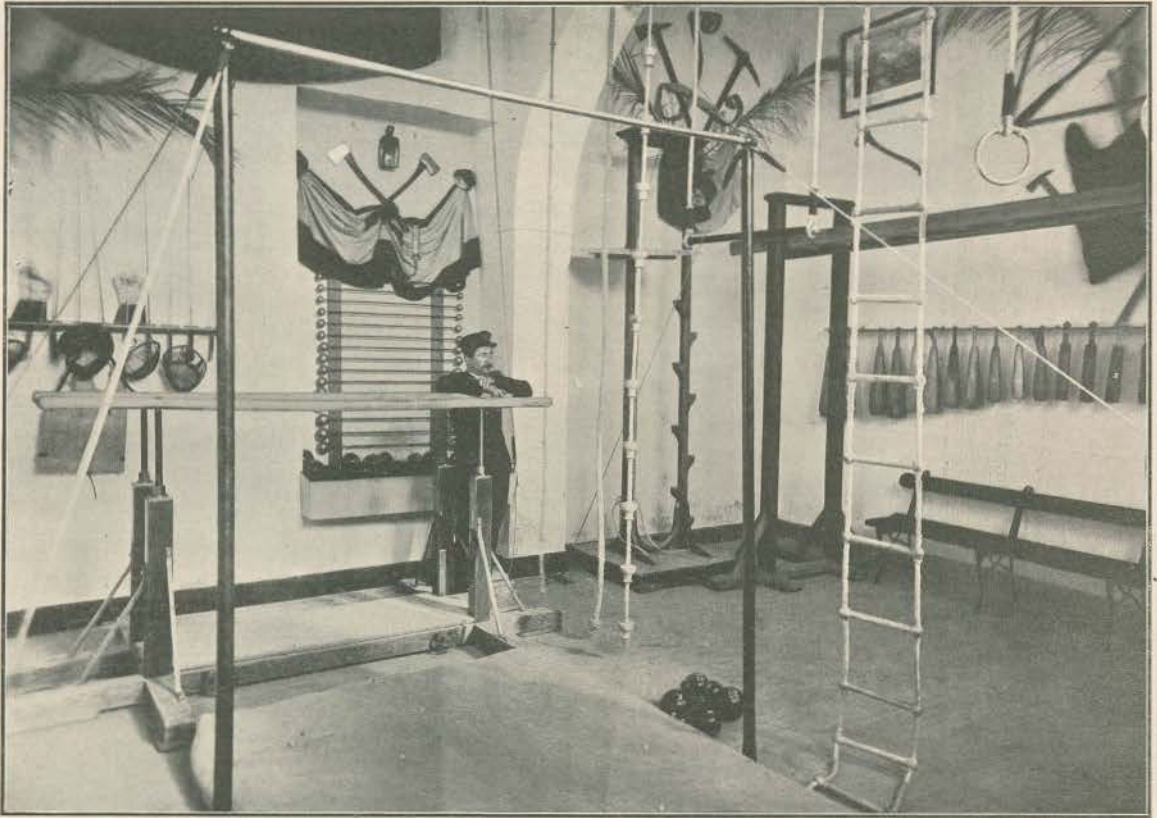
(Continua)



(1) Estes nomes são phantasiados, pois que os sete dormentes se chamavam: Maleo, Maximiano, Marciano, Dionysio, João, Scorpilio e Constantio.

(2) «A palavra dogmas, diz a illustre escriptora napolitana Mathilde Serra, deveria significar estritamente «interprete»; mas de Egipto as costas da Syria toma uma significação mais lata e acida, por exprimir as qualidades roncinas de um interprete, de um *ciereiro*, de um guia e até de um amigo.»

[Notas do trad.]



A NOVA SALA DE GYMNASTICA DOS HOMMEIROS VOLUNTARIOS DE LISBOA, INAUGURADA EM 17 DE JANEIRO NA ASSOCIAÇÃO NO LARGO DO QUINTELLA

## CHRONICA ELEGANTE

Vae longe o tempo em que o cumulo do luxo consistia n'um vestido de seda de côr vistosa, que se exhibia em plena rua, nos dias de festa, acompanhado pelo classico châlô-manta ou *cachemire*, ou então pelo châlô de Tonkin nas grandes occasiões.

Actualmente a seda só por si é banal; usa-se, mas não se vê.



FIGURA 1

A *toilette* do passeio elegante, assim como todas as outras, leva muita seda, nos forros, nos *dessous*, ouve-se o seu suggestivo *fron-fron*, presente-se que sem ella as saias não desenvolveriam a linha *écasée*, tão distincta e aerea, os corpos não ajustariam tão suavemente os cabeções, os casacos não deslizariam tão facilmente sobre os bustos, sente-se assim que sem ella não pôde existir a verdadeira elegancia, mas, como as boas fadas dos contos infantis, ella preside a todos os destinos da *toilette*, mos-

trando bem que é indispensavel e occultando-se com a maior modestia.

O traje de passeio moderno, quasi sempre de panno ou *lainage*, é, na apparencia simplicissimo; as guarnições de galbões, *passementeries*, são distribuidas com toda a parcimonia, mas só n'um rapido movimento do busto ou d'um braço entrecê-se o forro da *jaquette* ou da manga aberta feito de elegantissima seda de côr viva e clara; o vestido levemente levantado deixa apparecer a *doublure* igualmente sumptuosa e as saias de baixo completam este *ensemble* da mais requintada distincção e bom gosto.

Uma das côres mais modernas é a *coq-à-roche* ou *orange-brûlé*; calcula-se que o seu colorido é em demasia herrante, por isso só se emprega como guarnição, e sempre com a maxima reserva, ou então como *dessous* para tecidos transparentes principalmente de renda ou tullo preto com *paillettes clair de lune*, produzindo bom effeito.



FIGURA 2

Além das *paillettes*, perolas e guarnições vistosas de todo o genero que se adoptam nos vestidos de noite, vê-se agora muito as lascas de coral que até aqui se enfiavam vulgarmente para fios de pescoco ou pulseiras.

Com estes pedacinhos de coral, artisticamente dispostos, bordam-se arabescos, grinaldas, *barbares* de deliciozo effeito sobre tecidos claros. As franjas de contas, *paillettes* pequenas, moias luas ou pingentos são tambem um ornato apreciado, para *berthes* e mangas dos corpos de baile, scintillando por entre as ondas de renda, gaze e tullo.

Outro elemento de *toilette* em que se exhibem actualmente maravilhas é o *tea-gown*, traje ha annos completamente desconhecido. O *tea-gown*, soito como um vestido de casa, é luxuoso como a mais rica *toilette* de noite. Usam-se com elle as mais finas rendas, as mais esplendidas joias, e tudo quanto a mais apurada phantasia possa suggerir, menos... as luvras.

E a *toilette* de chá das cinco horas, a *toilette* apparatusa para receber, que tom apenas como revossa da medalha a imposição de ser substituida para o jantar de cerimonia, que já pede *toilette* de noite.

FIG. 1 — *Tea-gown* em velludo azul saphyra guarnecido de tullo e largas rendas Malines. *Aigrette* de joias no penteado.

FIG. 2 — *Toque* encossoza O Shanter. Fundo em *lartan* escosozes, aba de martha zibelino e duas pennas de falsão.

FIG. 3 — *Toilette* de panno *beau ours* com galbões da mesma côr e estroito colete em velludo *coq-à-roche*. Gravata de gaze *orange*. *Toque* de feltro com azas de pennas *irises*.



FIGURA 3